

## AGROECOLOGIA E GÊNERO: PERSPECTIVA SOCIOAMBIENTAL NO ASSENTAMENTO MULUNGUZHINHO EM MOSSORÓ-RN

*Zildence Matias Guedes*

Mestranda em Ambiente, Tecnologia e Sociedade Universidade Federal Rural do Semi-Árido UFERSA  
E-mail: zildence@hotmail.com

*Jacqueline Cunha de Vasconcelos Martins*

Profa. MS, Departamento de Agroecologia e Ciências Sociais – DACS Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA  
E-mail: jacquelinevasconcelos@ufersa.edu.br

**Resumo** – Numa perspectiva socioambiental, o modelo de agricultura convencional tem se mostrado insustentável. Diante da necessidade de novos caminhos para as famílias rurais, a agroecologia dispõe de estratégias de base técnico-científica para o desenvolvimento rural sustentável. Assim, este artigo tem como objetivo analisar os aspectos socioambientais e econômicos das práticas agroecológicas no assentamento Mulunguzinho em Mossoró-RN, por meio da experiência do Grupo de Mulheres Decididas a Vencer – GMDV. Como metodologia, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com as mulheres agricultoras, participantes do grupo. Por meio da produção orgânica de hortaliças, as agricultoras estão contribuindo para a segurança alimentar de suas famílias, conseguindo uma condição de renda, que antes do projeto era exclusividade dos homens da comunidade. As práticas agroecológicas têm contribuído para a sustentabilidade socioambiental e econômica da comunidade.

**Palavras-chave:** agricultura familiar, horta orgânica, gênero.

## AGROECOLOGY AND GENRE: PERSPECTIVE SOCIO- ENVIRONMENTAL OF SETTLEMENT MULUGUNZINHO IN MOSSORÓ

**Abstract** - In a social-environmental perspective, the conventional model of agriculture has proved unsustainable. According to the need for new ways for rural families, agroecology offers strategies for technical and scientific base for sustainable rural development. Thus, this article aims to analyze the economic and social-environmental aspects of agro-ecological practices in the rural zone settlement Mulunguzinho in Mossoró-RN, through the experience of the women's group determined to win (Grupo de Mulheres Determinadas a Vencer) - GMDV. As a methodology, we conducted semi-structured interviews with women farmers, the group participants. Through the production of organic vegetables women farmers are contributing to food security for their families and They are getting an income condition that before the project was an exclusive domain of the men in the community. The agro-ecological practices have contributed to the economic and social-environmental sustainability in the community.

**Keywords:** family farming, organic gardening, gender.

### INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, o modelo de agricultura convencional tem-se mostrado insustentável, sobretudo do ponto de vista socioambiental. O que predomina é a maximização do lucro e da produção. Não considera os aspectos sociais das famílias obrigadas a abandonar suas terras, nem tampouco a capacidade dos agroecossistemas naturais.

O pacote tecnológico introduzido a partir da Revolução Verde provocou um aumento na utilização dos insumos para controlar as pragas, no cultivo do solo, na monocultura e na irrigação, acarretando problemas para a saúde, desequilíbrios naturais, através da extração excessiva dos recursos naturais, minando a capacidade dos mesmos.

O atual contexto de insustentabilidade do modelo de agricultura convencional conduz ao questionamento, é possível um modelo de agricultura em que a capacidade dos ecossistemas naturais seja considerada, onde se desenhe um modelo de sustentabilidade rural? Neste sentido, a agroecologia surge como possibilidade para o meio rural, por dispor de base técnico-científica de estratégias para o desenvolvimento rural sustentável. Através das práticas agroecológicas contribui-se para a permanência das famílias no campo. Tais práticas propiciam o manejo sustentável dos solos, a conservação dos recursos naturais, a valorização dos saberes locais e a independência dos pequenos agricultores, que comercializam seus produtos sem a presença de atravessador. Assim, a agroecologia contribui também para valorizar a atuação dos diversos atores envolvidos no processo de construção do saber.

O Assentamento Mulunguzinho, localizado no município de Mossoró, Estado do Rio Grande do Norte, tem horta orgânica cultivada por mulheres, que fazem parte do Grupo de Mulheres Decididas a Vencer – GMDV. Estas retiram da própria horta, o que consideram “complemento para a renda familiar”.

A comunidade demonstra sua preocupação com o manejo adequado dos recursos naturais. Baseada nas próprias experiências aponta que deve cuidar bem do solo, pois retira dele o sustento para suas famílias e se torná-lo impróprio não terão onde manter seus cultivos.

A presente investigação parte do seguinte problema: quais os reflexos socioambientais e econômicos advindos das práticas agroecológicas vivenciadas no Assentamento Mulunguzinho? Assim, tem por objetivo analisar os aspectos socioambientais e econômicos das práticas agroecológicas no assentamento Mulunguzinho em Mossoró-RN, por meio da experiência do GMDV.

## MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa caracterizou-se por um estudo de caso e quanto ao procedimento, classifica-se como exploratória.

### População e amostra

A população considerada neste estudo se refere às famílias das mulheres envolvidas no cultivo da horta orgânica desenvolvida pelo GMDV, no Assentamento Mulunguzinho, localizado na zona rural do município de Mossoró-RN.

Adotou-se como amostra, aproximadamente 70% das associadas ao GMDV.

### Coleta de dados

Os dados foram obtidos em abr/2009 e mar/2010, através de visita *in loco*, com registro fotográfico e levantamento de dados quali-quantitativos, pela realização das entrevistas semi-estruturadas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### O Grupo de Mulheres Decididas a Vencer e a agroecologia

No ano de 1995 a agricultora Francisca de Lourdes da Silva participou do Encontro de Trabalhadoras Rurais da Região Oeste, promovido pelo então Centro da Mulher 8 de Março, atualmente Centro Feminista 8 de Março e pelo Sindicato da Lavoura em Mossoró-RN. O interesse pela vivência e desafio de produzir de forma sustentável, despertou a necessidade de repassar para outras famílias o que fora visto. Logo, houve uma identificação, tendo em vista que seria uma oportunidade de terem seu trabalho valorizado e reconhecido (ACTIONAID BRASIL, 2010).

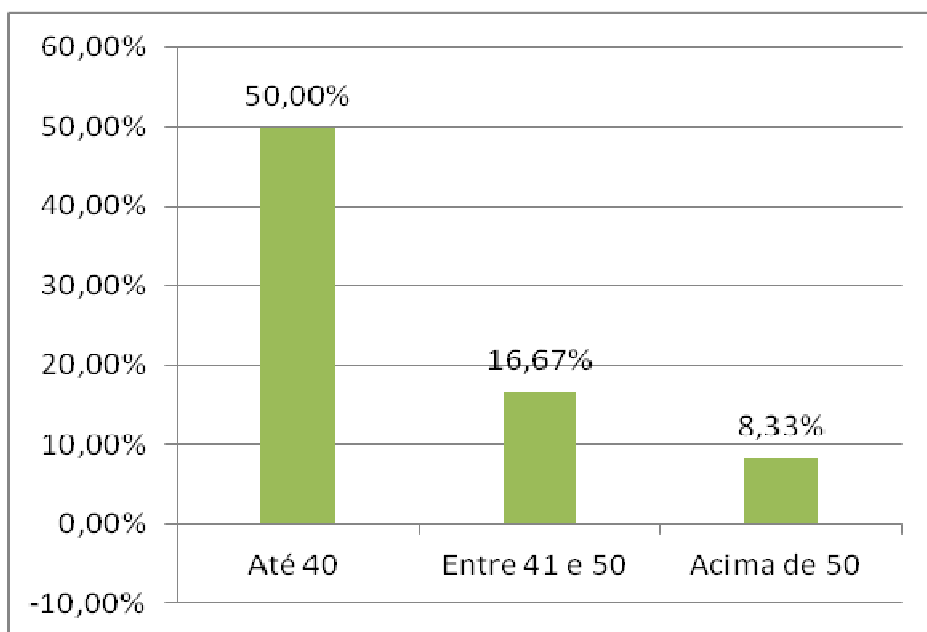
O GMDV foi criado ainda em 1995 e o Centro Feminista 8 de Março promoveu curso de capacitação sobre horta orgânica. No primeiro momento as mulheres apresentaram suas dificuldades e angústias. A partir das discussões realizadas, se perceberam como potenciais agricultoras familiares e reconheceram o valor social, ambiental e econômico do seu trabalho. Identificaram ainda a necessidade de assumir uma participação efetiva nas decisões, votando e sendo votadas.

Foi criado um projeto de geração de renda, objetivando que as mulheres alcançassem sua autonomia financeira. Em 1999 tiveram a idéia de cultivar hortaliças orgânicas. Mesmo diante das dificuldades encontradas – fato sempre presente na história de cada uma delas – mantiveram firme seu propósito, colocando em prática o aprendizado.

Segundo a agricultora Francisca Eliane de Lima (2010), através do GMDV teve contato com a agricultura orgânica, que com o tempo passou para agricultura agroecológica. De acordo com a experiência do grupo, entende, juntamente com as demais, que a agricultura agroecológica vai além da substituição de insumos. A prática agroecológica orienta para o cuidado com o meio ambiente, utilizando os recursos da própria região e incentivando a participação política, uma vez que está voltada para a sustentabilidade social.

### Aspectos Sociais

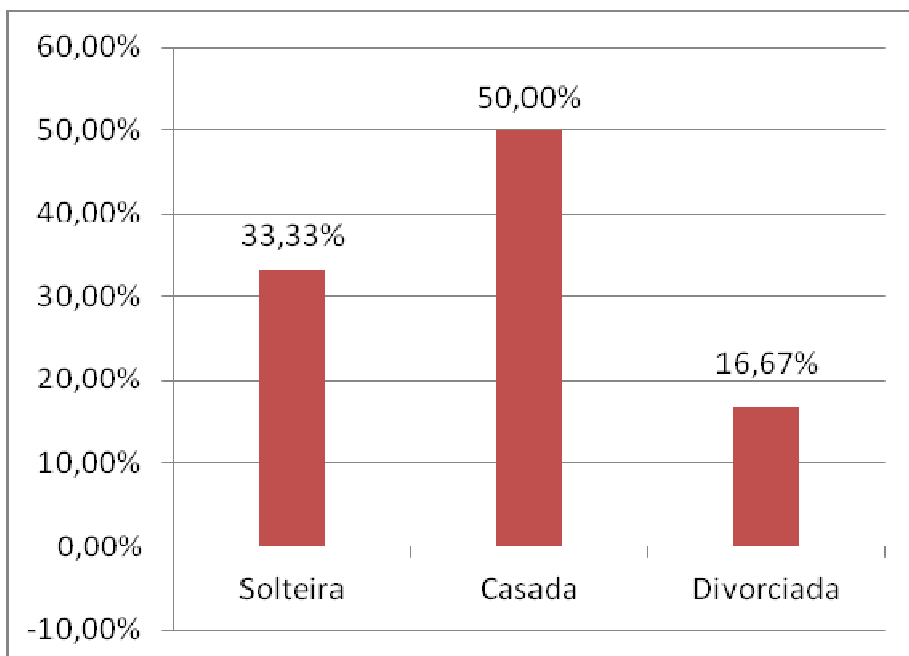
As agricultoras do Assentamento Mulunguzinho que participam do GMDV, encontram-se na faixa etária entre 31 e 57 anos, conforme apresentado no GRÁFICO 1.



**GRÁFICO 1** - Faixa etária das participantes do Grupo de Mulheres Decididas a Vencer. Assentamento Mulunguzinho, Mossoró-RN, 2010.

Das mulheres entrevistadas, a maioria é casada (GRÁFICO 2). Desenvolvem tarefas domésticas além de participarem do GMDV.

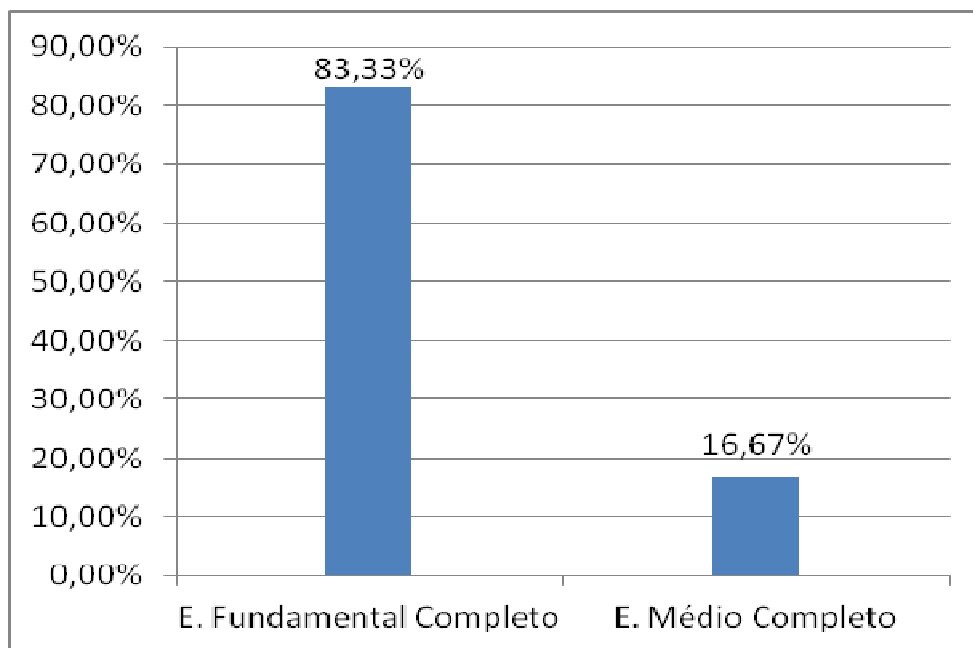
Todavia, com o passar do tempo, adquiriram respeito e compreensão dos seus companheiros.



**GRÁFICO 2** - Estado Civil das participantes do Grupo de Mulheres Decididas a Vencer. Assentamento Mulunguzinho, Mossoró-RN, 2010.

A maioria das mulheres do GMDV concluiu o Ensino Fundamental (GRÁFICO 3). Através da participação no grupo elas se sentiram motivadas para voltar a estudar e buscar conhecimentos, Conforme depoimento de Francisca Eliane de Lima (2010), que não

havia concluído o Nível Médio antes da participação no grupo, a partir do momento em que começou a participar das discussões e debates, reconheceu a necessidade de voltar a estudar. O que considera uma vitória e motivo de orgulho para todas que fazem parte do grupo.



**GRÁFICO 3** - Escolaridade das participantes do Grupo de Mulheres Decididas a Vencer. Assentamento Mulunguzinho, Mossoró-RN, 2010.

### Percepções das mulheres sobre a agricultura convencional

Corroborando com Caporal e Costabeber (2004), que consideram que a agroecologia conduz para a transição da agricultura orgânica para a agroecológica, as mulheres do GMDV têm vivenciado essa realidade.

Segundo relatos das agricultoras, reconhecem que a agricultura convencional é responsável por propiciar males tanto para a saúde humana como para o ambiente. Apontam que a agricultura movida por insumos artificiais mata quem produz e quem consome. A contaminação acontece desde o momento do manejo, da pulverização, atingindo o ambiente através da água e do solo. Destacam que a agricultura convencional é responsável por causar sérias doenças, além de tornar o ambiente impróprio para as próximas gerações. Para elas, esse tipo de agricultura não é indicado para ninguém, pois contém uma grande quantidade de inseticida.

É evidente ainda, a relação que elas fazem entre agricultura convencional e má qualidade de vida, sobretudo para as famílias inseridas em um contexto de exclusão e tantas limitações, como geográficas e técnicas. A contaminação atinge desde quem produz até quem consome, ou seja, provoca uma reação em cadeia. O modelo de agricultura convencional beneficia somente as grandes empresas, como as multinacionais, pois desde a compra da semente, já carente de adubação, inicia-se uma forma de manter o sistema, que causa dependência ao pequeno agricultor e tantos malefícios ao ambiente e à sociedade.

### Experiência em coletividade no GMDV

Conforme Pacheco (2009), não é dado ao trabalho da mulher o devido valor, sobretudo o econômico. Através de estudos realizados em várias regiões do país, constatou-se que as mulheres não têm ideia da importância das suas atividades. Tanto os homens quanto elas próprias percebem seu trabalho como uma modesta ajuda, constituindo assim a invisibilidade do trabalho feminino.

A participação no GMDV tem possibilitado experiências em coletividade para além do processo produtivo. Por enfrentarem dificuldades operacionais para produzir no local da horta, elas têm encontrado como espaço alternativo os quintais das próprias casas. O que poderia tornar-se um impedimento para continuarem produzindo, tornou-se para elas uma oportunidade de dividirem a produção. Cada uma fica responsável por um dos itens da cesta que é comercializada aos sábados pela Rede Xique-Xique, em Mossoró-RN. Assim, conforme entendimento das mesmas, os lucros são divididos de forma justa.

A união de esforços múltiplos tem conduzido às famílias, especificamente as mulheres do GMDV, a evidenciarem suas potencialidades, considerando, desse modo, a necessidade de desenvolverem estratégias voltadas à construção da sustentabilidade socioambiental. Nesse contexto, elas têm assumido o papel de protagonistas do processo de desenvolvimento local.

Anteriormente, o trabalho feminino era invisível, devido a uma divisão sexista do trabalho. A rotina das mulheres resumia-se aos cuidados com a casa, filhos e companheiro, ou seja, somente com a família. É importante considerar que a experiência delas com as práticas agroecológicas não tem feito descreditar da sua importância como mulher dentro de casa. Porém, entendem que podem ir além. Reconhecem sua importância na promoção de políticas que visem soluções para as famílias rurais.

As mulheres do GMDV participam frequentemente de capacitações como oficinas e eventos como marchas mundiais. Tais experiências possibilitam o fortalecimento das ações, bem como do grupo de base, além de favorecer a participação das mulheres na luta feminista.

Elas se identificam com o desafio de desmistificarem que somente os homens podem conduzir determinadas atividades, o que historicamente tem ocultado a importância do trabalho feminino. Com isso, afirmam-se livres para conseguir um novo espaço na comunidade e, conseqüentemente, na sociedade.

### **Parcerias no GMDV e capacitação em agroecologia**

O GMDV recebe constantemente o apoio de várias instituições. Dentre elas o Centro Feminista 8 de Março (CF8), o Programa de Desenvolvimento de Área e a Base de Serviço do Território Assú-Mossoró, sendo a Base a Rede Xique-Xique, que dispõe de acompanhamento técnico.

As parcerias trazem benefícios ao grupo, como a oportunidade de conhecerem outras experiências em comum com sua própria realidade. Contribuindo assim para que reconheçam que seus esforços são válidos.

As mulheres do GMDV têm uma participação efetiva em capacitações sobre agroecologia. Por exemplo a Conferência de Economia Solidária e cursos sobre horta, criação de abelha e caprinocultura. Atualmente participam de vários grupos de trabalho da Articulação Nacional de Agroecologia - ANA e do Encontro Nacional de Agroecologia - ENA. A participação nos referidos encontros, favorece a troca de experiências.

### **O GMDV e a Rede Xique-Xique**

As mulheres reconhecem a importância de estarem inseridas em uma rede de Comercialização Solidária. A oportunidade de participarem da Rede Xique-Xique foi muito bem aceita, por ser um espaço conveniente para comercializarem, que atende a necessidade de seus projetos produtivos. Conforme apresentado por Burg (2005, p. 76):

As feiras agroecológicas são espaços de comercialização, onde consumidores têm encontrado, além de alimentos, oportunidades de se informar sobre as diferentes formas de produção. Estas feiras têm funcionado como meio de resgate e dinamização da biodiversidade presente na agricultura familiar da região ao mesmo tempo em que se tornou um espaço significativo de obtenção de renda e de valorização social das mulheres.

Em 1999 o GMDV optou pelo cultivo de hortaliças orgânicas, considerando que na comunidade onde moram, o trabalho mais valorizado era o masculino, tanto nos aspectos econômicos como sociais. Conseguir formar uma equipe com mulheres para trilhar esse novo caminho, constituiu-se o primeiro desafio. Para elas, foi a chance de potencializar os conhecimentos que adquiriram ao longo das suas vidas, pois a agricultura estava inserida na história de vida de cada uma delas. Através da vivência das práticas agroecológicas elas viram uma oportunidade de crescimento econômico e social.

As referidas produtoras, juntamente com consumidores e consumidoras constituíram a Associação de Parceiros e Parceiras da Terra – APT, que passou a ser um espaço de comercialização da produção. A APT tem por base os princípios da economia solidária. Nessa perspectiva, surge em 2003 o espaço Xique-Xique de Comercialização Solidária, como conseqüência do aumento da demanda por produtos comercializados por outros grupos e da procura de produtos agroecológicos pelos próprios consumidores.

O cultivo das hortaliças orgânicas está agregado com outras formas de produção, dentre elas a fabricação de doces, a criação de galinhas, ovos, caprinos e mel. Aos sábados tem sempre alguma integrante do GMDV no Espaço Xique-Xique, na cidade de Mossoró-RN, comercializando seus produtos. Negociam cestas contendo diversos itens de sua produção como vegetais, criação caprina, frutas variadas (mamão, banana, manga, goiaba etc), mel, aves, e outros produtos *in natura*, inclusive artesanais.

Dentre os benefícios de estarem inseridas em uma rede, é possível destacar que por ser um espaço solidário, as mulheres têm autonomia para negociar diretamente com o consumidor, sem a presença do atravessador. Assim podem praticar preços justos. Recebem ainda apoio e oportunidade de compartilhar experiências, aplicadas de acordo com a realidade de cada comunidade envolvida.

Os produtos provenientes dos cultivos das mulheres além de alimentarem as próprias famílias, são comercializados na Rede Xique-Xique (FIGURA 1), contribuindo dessa forma para consumidores e consumidoras famílias do Assentamento Mulunguzinho usufruam uma alimentação mais saudável.



**FIGURA 1** - Produtos agroecológicos comercializados pelas mulheres do Assentamento Mulunguzinho, no Espaço Xique-Xique. Mossoró-RN, 2009.

Respondem pelo produtivo do GMDV seis mulheres, porém participam do grupo outros nove integrantes, que contribuem com a confecção de produtos artesanais também comercializados na Rede Xique-Xique (FIGURA 2).



**FIGURA 2** - Produtos artesanais comercializados pelas mulheres do Assentamento Mulunguzinho, no Espaço Xique-Xique, em Mossoró-RN, 2009.

#### Aspectos econômicos

#### Renda Individual e familiar anterior e posterior à inserção de práticas agroecológicas

A renda individual anterior à participação para algumas era nula e para outras era apenas a proveniente do Programa do Governo Federal Bolsa Escola, correspondente ao valor de R\$ 70,00 (setenta reais).

A renda familiar mensal variava entre R\$ 200,00 (duzentos reais) e R\$ 250,00 (duzentos e cinquenta reais). Atualmente a renda individual mensal varia entre R\$ 100,00 (cem reais) e R\$ 150,00 (cento e cinquenta reais) e a familiar entre R\$ 468,00 (quatrocentos e oitenta reais) e R\$ 510,00 (quinhentos e dez reais) - que corresponde ao valor de um salário mínimo (TABELA 1).

RENDA	Valor (R\$)
Individual anterior	0,00
Individual atual	100,00 a 150,00
Familiar anterior	200,00 a 250,00
Familiar atual	468,00 a 510,00

**TABELA 1** – Renda das famílias do Assentamento Mulunguzinho, antes e após a participação no Grupo de Mulheres Decididas a Vencer. Mossoró-RN, 2010.

As famílias apontam que mesmo a renda proveniente da horta e dos outros cultivos sendo pequena, representa muito, pois agora é uma renda permanente, adquirida com o trabalho digno.

O GMDV tem enfrentado problemas operacionais para cultivar a produção agroecológica no local da horta. Porém, as mulheres continuam produzindo nos quintais das suas residências (FIGURA 3 e 4).



**FIGURA 3** - Horta cultivada nos quintais pelas mulheres do Assentamento Mulunguzinho em Mossoró-RN, 2010.



**FIGURA 4** - Integrantes do Grupo de Mulheres Decididas a Vencer. Assentamento Mulunguzinho em Mossoró-RN, 2010.

### Tempo de participação no GMDV

Das mulheres que atualmente fazem parte do GMDV, a maioria está desde o início, desde sua fundação em 1995 (TABELA 2).

NOME	TEMPO DE PARTICIPAÇÃO (em anos)
Antonia Geruza	08
Francisca Eliane de Lima	12
Francisca Lourdes da Silva	15
Joana D'arc Fonseca Rodrigues	12
Maria José da Silva Alves	14
Maria José da Silva Elias	08

**TABELA 2** – Tempo de Participação no Grupo de Mulheres Decididas a Vencer. Assentamento Mulunguzinho em Mossoró-RN, 2010.

### Motivações para participar do GMDV

De acordo com Burg (2005) o reconhecimento do trabalho feminino, foi durante muito tempo hostilizado, não havia atuação política delas. Foram educadas no sentido de que somente pelo esforço e trabalho árduo é que seriam reconhecidas – discurso que não tem sido coerente com a prática ao longo do tempo. Porém, esse cenário tem mudado mediante a introdução de práticas sustentáveis no espaço rural.

De acordo com Gliessman (2006, p. 56):

Por um lado a agroecologia é o estudo de processos econômicos e de agroecossistemas, por outro, é um agente para as mudanças sociais e ecológicas complexas que tenham necessidade de ocorrer no futuro a fim de levar a agricultura para uma base verdadeiramente sustentável.

Desse modo, a agroecologia apresenta bases para mudanças no espaço rural, pois abrange todos os gêneros. As mulheres do GMDV, ao relatarem as experiências em grupo apontam que as próprias participantes, através de seu exemplo e determinação, serviram de motivação; além da necessidade e oportunidade de geração de renda através de seu trabalho. Anteriormente à participação no grupo, não tinham papel de destaque na comunidade, ou esse era invisível.

A participação no GMDV passou a ser vista como forma de atuação direta para as mulheres. O trabalho no cultivo da horta é feito somente por elas. Também o fato de terem uma ocupação que possibilita sair de sua rotina e compartilhar problemas e experiências pessoais, tem favorecido sua participação e permanência no grupo.



No início, alguns companheiros não aceitaram bem a saída das mulheres de casa para uma atividade desenvolvida tipicamente por homens, até então. Também foi difícil para as mulheres convencerem seus companheiros do desuso dos agrotóxicos. Porém, como é característico das mulheres do GMDV, elas não sucumbiram diante das dificuldades. Muito pelo contrário, mantiveram-se firmes no propósito de lutar e mudar o cenário no qual estão inseridas.

Há um relato em especial de uma das mulheres (ELIAS, 2010), que perdeu sua filha vítima de câncer. Segundo ela, se não fossem os momentos de descontração na horta, teria sido muito mais difícil superar. Isso evidencia que para elas, participarem do GMDV também ajuda a superar as intempéries da vida, além de construírem laços de amizades duradouras.

### **Aspectos técnicos e ambientais**

#### **A variável agroecológica na percepção das mulheres do GMDV**

A partir da capacitação das mulheres, as práticas agroecológicas passam a ser vistas como uma oportunidade de colocar em prática os conhecimentos adquiridos ao longo da vida, herdados de suas avós. Um exemplo disso é a utilização de adubo natural (restos de comida, vegetais e esterco de animais) para o cultivo da horta.

Para o GMDV, que desenvolvia o cultivo orgânico, foi muito válida a transição para o agroecológico. Entenderam que essa mudança não se daria apenas pela substituição de insumos químicos por naturais. Iria muito além, representava uma oportunidade de utilizarem os recursos naturais locais, associando à participação política das mulheres e à valorização das famílias, considerando a importância da agroecologia para o desenvolvimento rural local. A opinião de uma das mulheres expressa tal relevância:

Eu acho que é bom pra comunidade porque além de não tá agredindo o meio ambiente, tá adquirindo uma coisa que é saudável pra gente e pra o produtor. Eu fico tão satisfeita quando chega alguém aqui que diz assim: ah eu tenho problema de saúde e não posso usar essas verduras com agrotóxico. Já tem várias pessoas, inclusive até médico que queria a verdura da gente. Só achava que era coisa sadia - e a gente garante aquilo que faz. Pode ir, pode olhar, porque é muito bonito. Você vai no supermercado, vê aquela coisa mais linda do mundo, se embeleza com o tamanho das cenouras, mas vá lá pra ver a quantidade de veneno que tem aquilo. E a gente não, a gente trabalha e garante (SILVA, 2009).

Através da agroecologia elas viram uma oportunidade de desenvolverem a solidariedade, tanto para com a própria comunidade, como para a abertura a outros grupos. Elas passaram a assumir sua autonomia, pensando não apenas na família, mas nelas mesmas. As práticas agroecológicas contribuem ainda para que elas se relacionem melhor com outras pessoas.

#### **Impactos da agroecologia na vida das mulheres do GMDV**

Segundo Graziano Neto (1985), por muito tempo a mecanização no campo conduziu as famílias ao êxodo rural. Afinal, não havia para elas oportunidade de expressarem seus conhecimentos, sendo vistas apenas como mão-de-obra barata e pouco qualificadas. Todavia, conforme apresentado por Petersen (2009), a agroecologia proporciona um sentimento de pertencimento e maior identidade com o território no qual as famílias estão inseridas, conduzindo-as a saírem da estagnação. Nesse sentido, legítima Cidvânia Oliveira (2009, p. 33), “ao privilegiar o trabalho com as mulheres, promove-se um ambiente propício ao empoderamento das mesmas, que têm sido tradicionalmente alijadas dos processos decisórios relacionados aos rumos do desenvolvimento local”.

Deste modo, as mulheres do GMDV consideram que as práticas agroecológicas vivenciadas por elas, têm contribuído significativamente para a comunidade, é uma oportunidade de aumentarem ou terem a própria renda. Destacam ainda que antes não conheciam seus direitos e deveres e hoje podem lutar pelos mesmos. Reconhecem que através da agroecologia passaram a ter mais saúde e autonomia, tornaram-se reconhecidas e respeitadas no próprio assentamento.

Os benefícios da produção da horta agroecológica, destinada para o consumo local e para a comercialização, são usufruídos por todos, pois além de uma alimentação mais saudável para a família, outro fator muito importante é que tem gerado ocupação e renda para as mulheres.

O fato de comercializarem seus produtos fora do assentamento tornou possível o reconhecimento do trabalho feminino e conhecimento com outros grupos. Levar essa experiência de qualidade de vida para o espaço urbano tem sido um motivo de satisfação para elas. De acordo com outro depoimento (SILVA, 2009): O urbano também está conhecendo essa produção, não só o campo, porque hoje em dia nós estamos vendo nossos irmãos morrendo de câncer através do agrotóxico na sua alimentação, no que ele compra. Hoje é tudo cheio de veneno e isso é uma importância grande, porque além da gente tá vendendo, a gente tá explicando, tá mostrando uma forma melhor de se alimentar, sem ingerir tanto agrotóxico, tanto veneno.

A agroecologia tem conduzido as famílias do Assentamento Mulunguzinho a ampliar seus horizontes. Quando as mulheres do GMDV estão muito atarefadas elas envolvem toda a família no cultivo da horta agroecológica, mesmo deixando claro que esse trabalho é fruto da perseverança das mulheres e, portanto, tem que ser coordenado por elas.

Atualmente o assentamento tem 112 famílias, uma agrovila, uma escola, a visita mensal de um posto de saúde móvel e cisternas para o armazenamento de água doce, sendo algumas dessas conquistas consequência dos esforços múltiplos das mulheres.

Respondem pela horta agroecológica seis mulheres, no momento. Porém, além delas participam efetivamente das discussões e encontros outros nove integrantes do GMDV, que também participam das manifestações e reivindicações feministas. As ações do GMDV têm sido reconhecidas pela sociedade em geral. As mulheres comumente concedem entrevistas e reportagens televisivas em emissoras de alcance local e regional.

Os homens, juntamente com as mulheres do GMDV, criaram o grupo de caprinovinocultura e também apicultura. Aos sábados eles ajudam as mulheres a comercializar os produtos na Rede Xique-Xique (FIGURA 5).



**FIGURA 5** - Homens que trabalham com caprinovinocultura. Assentamento Mulunguzinho, Mossoró-RN, 2010.

Através da organização das mulheres, os homens reconheceram o valor e o mérito do trabalho delas, a importância do sistema agroecológico e o ciclo da agroecologia – um ecossistema complementa a cadeia do outro. Eles apontam que como vivem no semiárido potiguar, é necessário que saibam fazer o manejo de outros sistemas, contribuindo para um manejo sustentável dos ecossistemas.

## CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

As famílias do Assentamento Mulunguzinho têm procurado combater a forma de crescimento pelos moldes da agricultura convencional, que não considera as especificidades do território. Esse tem sido o grande desafio. Insistem em produzir e reproduzir numa perspectiva de enraizamento e apoderamento de suas identidades locais, buscando preservar seus valores.

O Grupo de Mulheres Decididas a Vencer do Assentamento Mulunguzinho tem se mantido firme em seu propósito de vivenciar os princípios agroecológicos. A permanência delas no grupo não isenta de qualquer dificuldade ou obstáculo. Muito pelo contrário, têm um cotidiano repleto de percalços. Falta apoio e compreensão de alguns companheiros, determinadas vezes, além da escassez de recursos financeiros e mão-de-obra para a produção agroecológica. Todavia, o mais importante não falta, é evidente a força e coragem para lutar pelo que acreditam.

Elas fazem o que aprenderam com seus pais e avós e querem passar isso para seus filhos. Através da experiência com a agroecologia entenderam que podem e devem lutar pelos seus direitos, sobretudo porque se consideram merecedoras deles. Passaram a entender o valor do seu trabalho, e despertaram nos seus companheiros essa percepção. Compreendem ainda que o seu trabalho hoje não é apenas uma ajuda, mas complemento para manter a família.

O Assentamento Mulunguzinho tornou-se reconhecido pela trajetória do GMDV, pelas práticas sustentáveis. É visto como modelo. As mulheres socializam seus conhecimentos com outros grupos, através das palestras que promovem e da troca de experiências.

Ainda que o grupo tenha um número pequeno de participantes no cultivo dos produtos agroecológicos, os assentados do Mulunguzinho, em sua grande maioria, não utiliza agrotóxicos nos cultivos – fruto das ações promovidas pelo Grupo de Mulheres Decididas a Vencer.

## REFERÊNCIAS

- BURG, Inês Claudete. **As mulheres agricultoras na produção agroecológica e na comercialização em feiras no sudoeste paranaense**. Florianópolis, 2005. 131p. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) – Curso de Pós- Graduação em Agroecossistemas, Universidade Federal de Santa Catarina.
- CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. Agroecologia: aproximando conceitos com a noção de sustentabilidade. In: RUSCHEINSKY, Aluísio (Org.). **Sustentabilidade: uma paixão em movimento**. Porto Alegre: Sulina, 2004. P. 46 – 61.

ELIAS, Maria José da Silva . **Entrevista concedida a Zildence Matias Guedes**. Assentamento Mulunguzinho, Mossoró-RN, 26 Jul. 2009.

GLIESSMAN, S.R. **Agroecologia: Processos Ecológicos em agricultura sustentável**. Ed. UFRGS, 2000. INSERIDO

GRAZIANO NETO, Francisco. **Questão Agrária e Ecologia. Crítica da moderna agricultura**. 2<sup>a</sup> ed. Brasiliense, São Paulo, 1985.

LIMA, Francisca Eliane de. **Entrevista concedida a Zildence Matias Guedes**. Assentamento Mulunguzinho – RN, 28 Abr. 2010.

OLIVEIRA, Cidvânia Andrade de. Quintais Agroflorestais mulheres redesenham espaços de produção e reprodução no Maranhão. **Agriculturas: Experiência em Agroecologia**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 4, p. 32-35, dez. 2009. INSERIDO

PACHECO, Maria Emília Lisboa. Os caminhos das mudanças na construção da Agroecologia pelas mulheres. **Agriculturas: Experiência em Agroecologia**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 4, p. 4-8, dez. 2009. INSERIDO

PETERSEN, Paulo (org). **Agricultura familiar camponesa na construção do futuro**. Rio de Janeiro: AS-APTA, 2009.

SILVA, Francisca Lourdes da. **Entrevista concedida à Zildence Matias Guedes**. Assentamento Mulunguzinho, Mossoró–RN, 28 abr. 2010.

Recebido em 12/10/2010

Aceito em 20/03/2010